



Recebido em 9/11/2019  
Aprovado em 23/11/2019

## Elementos geórgicos e cinegéticos na “erotodidáxis” de Ovídio

Georgic and Kinegetic Elements in Ovid's *Erotodidaxis*

Matheus Trevizam<sup>1</sup>

e-mail: [matheustrevizam2000@yahoo.com.br](mailto:matheustrevizam2000@yahoo.com.br)

orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v7i2.30338>

**RESUMO:** Neste artigo, intentamos demonstrar que se dá incorporação de elementos temáticos vinculados à agricultura e à caça nos dois principais poemas erotodidáticos de Ovídio, *Ars amatoria* e *Remedia amoris*. Contudo, essa incorporação não ocorre do mesmo modo nos dois textos, porque se submete aos graus de adesão das obras supracitadas à poética da elegia erótica romana. Dessa maneira, na *Ars amatoria*, em que o *magister amoris* ainda ensina a seus “alunos” como comportar-se, ao menos superficialmente, como os apaixonados (ou *puellae*) encontráveis nesse gênero poético, caça e agricultura assumem, sobretudo, o modo de metáforas e comparações. Em *Remedia amoris*, por sua vez, em que o *magister* ensina aos mesmos “alunos” como desfazer relacionamentos afetivos que lhes causem dor, ocupações práticas como a agricultura e a caça assumem a forma de efetivos direcionamentos para agir de maneira ativa, pois isso liberta os amantes infelizes da vulnerabilidade diante do amor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ovídio; elegia erótica romana; *erotodidaxis*; agricultura; caça

**ABSTRACT:** In this article we intend to demonstrate the incorporation of thematic elements related to agriculture and hunting into Ovid's two main erotodidactic poems, the *Ars amatoria* and the *Remedia amoris*. However, this incorporation does not occur in the same way in both texts for it depends on the adhesion of the works cited to the poetics of Roman erotic elegy. Thus, in the *Ars amatoria*, hunting and farming take the form of metaphors and comparisons, for the *magister amoris* teaches “students” to behave, at least superficially, like the lovers (or *puellae*) found in this poetic genre. In the *Remedia amoris*, on its turn, where the *magister* teaches his “students” how to break down romantic relationships that bring them suffering, practical occupations such as farming and hunting take the form of effective directions to be practical, as this favors the liberation of unhappy lovers from an idle existence, which puts them in a vulnerable situation in the face of love.

**KEYWORDS:** Ovid; Roman erotic elegy; *erotodidaxis*; agriculture; hunting

<sup>1</sup> Professor Associado de Língua e Literatura Latina da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; pós-doutorando junto ao Departamento de Linguística do IEL-Unicamp, sob a supervisão do prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcelos.



## Introdução

Confrontados com a chamada *erotodidáxis* ovidiana, a qual compreende obras como *Ars amatoria*, *Remedia amoris* e, ainda, os *Medicamina faciei femineae* – sobre os quais não nos pronunciaremos aqui –, deparamos textos complexamente estruturados. De início, então, basta lembrar que a *Ars* e os *Remedia* constituem “provas” do contínuo exercício ovidiano de desafiar os limites dos gêneros literários, uma postura perceptível, em sua carreira poética, desde os gestos irônicos dos *Amores* até a mistura de tipologias que caracteriza *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*, as duas obras de exílio do autor<sup>2</sup>.

Especificamente sobre *Ars amatoria* e *Remedia amoris*, já foi muitas vezes notado que, sobretudo, duas tipologias literárias antigas deixaram marcas profundas em seus versos: referim-nos, é óbvio, à “poesia didática” e à elegia erótica romana, essa última representada, na Urbe, pelos escritos de Cornélio Galo, Sexto Propércio, Álbio Tibulo e por aqueles do próprio Ovídio, em sua juventude. Assim, quanto à participação do didatismo na tessitura dessas duas obras do autor, elementos como a posição “magistral” do eu poético, a moldagem interna do receptor como *um/-a discipulus/-a*, a razoável sistematização expositiva dos respectivos cursos de estabelecimento de laços erótico-amorosos e/ou de desfazimento de tais laços, o entremeio em seus versos “instrutivos” de passagens chamadas, pela crítica, “painéis mítico-narrativos” (TOOHEY, 1996, p. 4) etc. contribuem de forma decisiva para inseri-lo nos horizontes compositivos ovidianos.

Por sua vez, quando se considera a “herança” da elegia erótica romana nos versos da *Ars* e dos *Remedia*, embora seja inegável que a marca mais evidente dessa produção pregressa em ambos os textos corresponde ao emprego métrico em uso – pois, em geral, a poesia didática recorria aos hexâmetros datílicos a fim de construir-se, não a dísticos elegíacos –, não se pode também ignorar, ali, a maciça participação de vários *tópoi* elegíacos, a exemplo daqueles vinculados à *militia* e ao *seruitium amoris* –, bem como de personagens e situações frequentemente encontráveis nesse mesmo tipo poético. Isso significa, no mínimo, que o modo instrutivo de *Ars amatoria* e *Remedia amoris* foi altamente matizado pelas “colorações” da elegia, disso se produzindo curiosos efeitos semânticos, os quais, sobretudo na *Ars*, resultam em ironia e certo sentido de “parodização”, no cotejo com a poesia didática mais “séria”.

<sup>2</sup> Tais obras, com seu tom de lamento e o emprego dos dísticos elegíacos em sua composição, mantêm algo do “tom” choroso da elegia erótica romana. Ao mesmo tempo, sobretudo nas *Epistulae*, delinea-se pronunciado contorno de cartas para os poemas, mais e mais compostos com vistas a destinatários específicos (HOLZBERG, 2002, p. 189).

Por outro lado, a complexidade de estruturação dessas obras, que acima anunciamos, também se vincula ao fato de que *Ars amatoria* e *Remedia amoris*, pelo menos, devem ser compreendidos em um movimento contínuo dos parâmetros da “elegia” ovidiana, nisso se incluindo a estrita produção elegíaca dos *Amores*. Assim, na esteira de um consagrado ensaio de Gian Biagio Conte (1991), sequencialmente nos proporemos a examinar pontos em ligação com a presença de assuntos rurais e de caça, nesses dois poemas didáticos de Ovídio, levando em conta que o(s) sentido(s) de sua incorporação a uma e outra obra “subordinam-se”, por assim dizer, aos graus de adesão aos parâmetros da elegia que nelas se encontram.

### Imagética agrária e de caça em *Ars amatoria*: figuras e irreverência

Como sabido dos leitores da *Ars*, seu tema essencial – ensinar aos homens (livros I e II) ou mulheres (livro III) de Roma como encontrar, conquistar e manter um/-a parceiro/-a amoroso/-a – pareceria, à primeira vista, diferenciar-se por inteiro de quaisquer assuntos vinculados às atividades rurais e/ou venatórias. De fato, o desenvolvimento do drama galante em jogo, conforme descrito nesse poema didático-amoroso, na prática se afasta das rudezas campestres para ter no seio da Roma Augustana, Urbe cosmopolita e lugar de alardeado refinamento<sup>3</sup>, seu “palco” essencial de realização.

Não obstante a existência de tal “filtro” interno à estrutura da *Ars*, o qual se deve, vale a pena insistir, à contraparte elegíaca de seu didatismo, é notório que a incorporação de temáticas *grosso modo* “campestres” a seus versos constitui elemento indissociável de todos os livros a compô-la. Primeiramente, ocupando-nos da integração de assuntos, de fato, agrários ao poema, apontamos para exemplificar já os versos 57-60 do livro I da mesma obra. Nessa passagem, em tentativa de encorajamento dos *discipuli* “alunos” diante da tarefa de *inuenire* (“descobrir”) uma *puella* “moça” apta a tornar-se sua futura amante, o *magister amoris* “mestre de amor” observa que isso não há de ser tão complicado. Com efeito, “*quantas nos Gárgaros as colheitas, quantas em Metimna as uvas, no mar quantos os peixes, nos ramos quantas as aves furtivas, no céu quantos os astros, tantas meninas possui tua Roma: a Mãe [Vênus] fixou-se na cidade de seu Eneias*”<sup>4</sup>.

Ora, esse trecho claramente propicia a entrada da ruralidade nos versos de *Ars amatoria* na medida em que o espantoso número de mulheres encontrável na Urbe é comparado, pelo *magister*, inclusive com as abundantes colheitas dos picos Gárgaros, na Mísia, e com as muitas uvas da localidade de Metimna, na ilha de Lesbos. Vemos na edição da *Ars amatoria* organizada

<sup>3</sup> Ovídio, *Ars amatoria* I, 67-70: *Tu modo Pompeia lentus spatiare sub umbra,/ cum sol Herculei terga Leonis adit,/ aut ubi numeribus natí sua munera mater/ addidit, externo marmore diues opus;* – “Apenas vagueia lento sob a sombra do Pórtico de Pompeu quando o sol atinge o dorso do Leão Hercúleo, ou onde a mãe aos dons do filho uniu seus dons, *soberba obra em mármore estrangeiro;*” (todas as traduções e grifos, exceto aviso em contrário, são de responsabilidade do autor).

<sup>4</sup> Ovídio, *Ars amatoria* I, 57-60: *Gargara quot segetes, quot habet Methymna racemos,/ aequore quot pisces, fronde teguntur aues,/ quot caelum stellis, tot habet tua Roma puellas;/ mater in Aeneae constitit urbe sui.*

por Emilio Pianezzola, ainda, conforme o comentador dessa passagem explica, que, em *Geórgicas* I, 103, Virgílio registrara: “os próprios *Gárgaros* admiram suas *colheitas*”<sup>5</sup>. Um pouco mais além, em v. 93-100 do livro I da *Ars*, de novo o *magister* compara:

Tal como vêm e vão numerosas as formigas em longa fila, transportando o alimento cotidiano nas mandíbulas oneradas com grão, ou as abelhas, que ao encontrarem *seus bosques* e as pastagens perfumadas, sobrevoam *flores* e, *por cima*, os tomilhos, a mulher ocorre aos jogos apinhados depois de esmerar-se na aparência; sua abundância, frequentemente, tardou-me a escolha. Vêm para ver, por serem elas próprias vistas. Nesses lugares, o casto pudor corre perigo<sup>6</sup>.

Aqui se nota, de acordo com comentários adicionais de Emilio Pianezzola ao trecho citado, que “Ovídio obteve algumas peças lexicais das descrições virgilianas das abelhas”<sup>7</sup>, evidentemente desenvolvidas ao longo de boa parte do livro IV das *Geórgicas*. O ponto de tal porção do poema agrário virgiliano que o crítico evoca diz respeito a v. 53-55, nos quais se lia: “elas [as abelhas] logo *os bosques* e as matas percorrem,/ colhem *flores* purpúreas e, *por cima*, bebem/ com leveza dos rios”<sup>8</sup>. Nesse contexto, o *magister amoris* aproxima as mulheres, “em revoada” aos teatros de Roma à procura de algum tipo de aventura amorosa, de um elemento natural diferente, também aludindo ao âmbito maciçamente agrário do poema didático de Virgílio.

Um artigo de Eleanor Leach (1964, p. 146), cujo foco de pesquisa corresponde justamente à participação da imagética “geórgica” nos versos de *Ars amatoria*, ressalta que “as alusões ao cultivo de lavouras têm especial relevo no livro II, onde iluminam as instruções do poeta para cultivar e manter uma amante”<sup>9</sup>. Com efeito, como declaram alguns dos preceitos erótico-amorosos ali contidos,

O ramo teimoso há de dobrar-se sob uma força cautelosa (*AA* 2.179). Um amante deve tornar-se habituado às idiosincrasias de sua dama, pois um novo amor é como um ramo transplantado há pouco. Primeiro é fraco, mas, com a idade, torna-se firme e seguro (*AA* 2.647-52). O amante deve ignorar a idade de sua dama, pois tanto as velhas quanto as novas têm seu valor particular. Alguns campos já produzem colheitas; outros estão bem no ponto para o

<sup>5</sup> Virgílio, *Geórgicas* I, 103: (...) *et ipsa suas mirantur Gargara messis*.

<sup>6</sup> Ovídio, *Ars amatoria* I, 93-100: *Vt redit itque frequens longum fornicata per agmen, / granifero solitum cum uehit ore cibum, / aut ut apes saltusque suos et olentia nactae / pasqua per flores et thyma summa uolant, / sic ruit ad celebres cultissima femina ludos; / copia iudicium saepe morata meum est. / Spectatum ueniunt; ueniunt spectentur ut ipsae. / Ille locus casti damna pudoris habet*.

<sup>7</sup> Ovidio, 1991, p. 200: *Ovidio ha ricavato alcune tessere lessicali dalle descrizioni virgiliane delle api*.

<sup>8</sup> Virgílio, *Geórgicas* IV, 53-55: *Illae continuo saltus siluasque peragrant / purpureosque metunt flores et flumina libant / summa leues*. (...).

<sup>9</sup> Leach, 1964, p. 146: *Allusions to the cultivation of crops are especially prevalent in Book 2 where they illuminate the poet's instructions for cultivating and maintaining a mistress*.

plantio (AA 2.667-68). Se, a despeito dos esforços, o amante falhar, deve lembrar-se de que o grão que é semeado nem sempre produz uma colheita<sup>10</sup>.

Os vários exemplos apresentados pela crítica anglófona decerto evidenciam a importância de elementos agrários para a caracterização dos relacionamentos amorosos, conforme os concebe Ovídio. Metáforas como aquelas contidas em *Ars* II, 179<sup>11</sup>; 647-652<sup>12</sup> e 667-668<sup>13</sup>, a propósito, apontam de maneira figurada para os concretos afazeres encontráveis em um mundo rural como aquele descrito nas *Geórgicas*, texto que já oferecera ao público, além de gerais preceitos vinculados ao cultivo de árvores (cf. totalidade do livro II do poema), conselhos para o agricultor bem conduzir a enxertia (II, 73-82) e observações a respeito da ocasião de plantio (I, 73).

Quanto ao livro III dessa mesma obra, em que não aos homens, mas às mulheres, segundo vimos, o *magister amoris* passa a oferecer seu “curso”, sem desconsiderarmos que a contraparte feminina do jogo de sedução assume, desta feita, papel ativo nas artes da conquista<sup>14</sup>, a continuidade das análises de Leach (1964, p. 147) revela certa permanência do efeito de aproximação entre as *puellae* e um mundo natural, por vezes, caótico e necessitando de imposição disciplinar. Então, recomenda-se nesse livro, com especial atenção instrutiva, o *cultus* / “cultivo de si”, como se as mulheres precisassem regrar muitos aspectos atinentes à sua imagem física (cabelo, tratamento da pele<sup>15</sup>, vestes...) e, inclusive, seus gestos e comportamento<sup>16</sup>.

<sup>10</sup> Leach, 1964, p. 147: *The stubborn branch will bend under discreet force (AA 2.179). A lover must become accustomed to the idiosyncrasies of his lady, for a new love is like a newly grafted branch. At first it is weak, but with an age it becomes firm and secure (AA 2.647-52). The lover must ignore the age of his lady, for both old and young have their particular values. Some fields bear crops already; others are just ready to plant (AA 2.667-68). If, in spite of his efforts, the lover should fail, he must remember that the grain that is sown does not always yield a harvest.*

<sup>11</sup> Ovídio, *Ars amatoria* II, 179: *Flectitur obsequio curvatus ab arbore ramus;* – “Na árvore, dobra-se o ramo recurvando-o com complacência; (...)”.

<sup>12</sup> Ovídio, *Ars amatoria* II, 647-652: *Quod male fers, adsuesce, feres bene; multa uetustas/ lenit, at incipiens omnia sentit amor./ Dum nouus in uiridi coalescit cortice ramus,/ concutiatur tenerum quaelibet aura, cadet;/ mox etiam uentis spatium durata resistet/ firmaque adoptiuas arbor habebit opes.* – “Habitua-te o que não toleras: vais tolerá-lo bem; a passagem do tempo muito tolera, mas um amor principiante tudo nota. Enquanto um ramo jovem enrijece na casca verdejante, qualquer brisa que o agite na fragilidade, ele cederá. A árvore embrutecida pelo tempo logo resistirá até aos ventos e, robusta, renderá frutos de enxertia”.

<sup>13</sup> Ovídio, *Ars amatoria* II, 667-668: *Vtilis, o iuuenes, aut haec, aut serior aetas:/ iste feret segetes, iste serendus ager.* – “Ó jovens, esta ou mais tardia idade é propícia: esse campo renderá colheitas, é ele que deve ser semeado”.

<sup>14</sup> Ovídio, *Ars amatoria* III, 417-422: *Vtilis est uobis, formosae, turbae, puellae;/ saepe uagos ultra liminae ferte pedes./ Ad multas lupa tendit oues, praedetur ut unam,/ et Iouis in multas deuolat ales aues./ Se quoque det populis mulier speciosa uidendam;/ quem trahat, e multis forsitan unus erit.* – “A multidão vos beneficia, ó moças belas; levai frequentemente para fora dos limiares os pés errantes. Para tomar uma só, dirige-se a loba a muitas ovelhas, e a ave de Júpiter atira-se sobre pássaros copiosos. Também a mulher formosa se ofereça às vistas do povo: talvez haja um a quem capture, em meio a muitos”.

<sup>15</sup> Ovídio, *Ars amatoria* III, 205-208: *Est mihi, quo dixi uestrae medicamina formae,/ paruus, sed cura grande, libellus, opus:/ hinc quoque praesidium laesae petitote figurae./ Non est pro uestris ars mea rebus iners.* – “Compus um livrinho, pequeno pelo tamanho, mas muito laborioso, em que descrevi os cuidados de vossa beleza. Lá também buscareis proteção contra os danos que a beleza sofre. Minha arte não é ineficaz no resguardo do que é vosso”.

<sup>16</sup> Ovídio, *Ars amatoria* III, 281-286: *Quis credat? Discunt etiam ridere puellae,/ quaeritur atque illis hac quoque parte decor./ Sint modici rictus paruaeque utrimque lacunae,/ et summos dentes ima labella tegant;/ nec sua perpetuo contendant illia risu;/ sed leue nescio quid femineumque sonet!* – “Quem acreditaria? As moças também aprendem a rir, e mesmo neste ponto buscam a elegância. Seja módica a abertura e estreitas as fendas de ambos os lados da boca; que as extremidades dos lábios cubram a raiz dos dentes, nem se sacudam perpetuamente os ventres com o riso; soe, porém, algo de leve e feminino!”

Sintomaticamente, em semelhante contexto de educação para seduzir os homens com eficácia ocorre, entre v. 101-106, renovada aproximação entre (os cuidados pessoais das) mulheres e algumas práticas agrárias:

Começo pelos ornatos. *Líber provém de uvas bem cultivadas, e uma seara alta ergue-se no solo cultivado. A beleza é um dom divino: quantas poderiam gabar-se da beleza? Grande parte de vós carece deste dom. A diligência produzirá uma bela face; uma face negligenciada perder-se-á, mesmo que semelhe à da deusa Idália*<sup>17</sup>.

“Líber” (= “vinho”) e “seara alta”, no trecho mencionado, metaforizam qualidades femininas desejáveis, a exemplo da própria beleza da face; mesmo essa, caso exista, mas não se cuide, corre o risco de degenerar-se em nada, de acordo com o aviso do *magister* ovidiano. Na verdade, a impossibilidade da negligência inclusive diante dos bens possuídos ou ganhos, como se a atenção e o esforço sempre fossem indispensáveis aos bons “cultivadores” de campos – assim como àqueles de amores – também se abordou nas *Geórgicas* II, 401-402, quando o *magister agri culturae* disse, sobre o trabalho nos vinhedos, que “seguindo um círculo, torna o esforço aos agricultores,/ e o ano se desenrola *passando* por suas pegadas”<sup>18</sup>.

Quando voltamos nosso olhar para as imagens de caça na *Ars amatoria*, pode-se notar, como observa Christina Tsaknaki (2018, pp. 116-117), que se trata de algo mais ou menos difundido ao longo dos três livros do poema. Já em *Ars* I, 11-18, equiparando-se, na qualidade de preceptor de *Amor* (criatura feroz e quase indomável, seria justo dizer...), ao centauro Quíron, o qual instruíra Aquiles em várias técnicas e por vezes se teve, mitologicamente<sup>19</sup>, ao modo de uma espécie de “descobridor” da caça, o *magister amoris* estabelece pontos de contato sutis com o universo venatório. Pouco depois, no mesmo livro I (v. 45-48), o poeta convida a estabelecermos paralelos entre seu curso de amor e, inclusive, a caça, porque, assim como o caçador sabe onde encontrar cervos e outros animais, o pretendente a galanteador também deve informar-se a respeito dos melhores lugares para a “captura” das moças<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Ovídio, *Ars amatoria* III, 101-106: *Ordior a cultu. Cultis bene Liber ab uuis/ prouenit, et culto stat seges alta solo./ Forma dei munus; forma quota quaeque superbit?/ Pars uestrum tali munere magna caret./ Cura dabit faciem; facies neglecta peribit./ Idaliae similis sit licet illa deae.*

<sup>18</sup> Virgílio, *Geórgicas* II, 401-402: (...) *redit agricolis labor actus in orbem/ atque in se sua per uestigia uoluitur annus.*

<sup>19</sup> Tsaknaki, 2018, p. 117: *Indeed, in Xenophon's Cynegeticus (1.1-2) the art of hunting is presented as being bestowed by the gods upon Chiron as a reward for his righteous character, whose duty thereafter is to train the great heroes of mythology, including Achilles, in this art and other pursuits.* – “De fato, no *Cinegético* (1.1-2), de Xenofonte, a arte de caçar é apresentada como concedida pelos deuses a Quíron como recompensa por seu caráter justo, sendo seu dever, depois, treinar os grandes heróis da mitologia, incluindo Aquiles, nessa arte, e em outras atividades”.

<sup>20</sup> Ovídio, *Ars amatoria* I, 45-50: *Scit bene uenator ceruis ubi retia tendat,/ scit bene qua frendens ualle moretur aper;/ aucupibus noti frutices; qui sustinet hamos/ nouit quae multo pisce natentur aquae./ Tu quoque, materiam longo qui quaeris amori,/ ante frequens quo sit discere puella loco.* – “Sabe bem o caçador onde estender a rede aos cervos, sabe bem em qual vale habita o raivoso javali; aos passarinhos, as ramagens são familiares; quem pesca com anzol sabe quais águas os fartos cardumes percorrem. Tu também, matéria para um longo amor buscando, primeiro aprende onde há muita menina”.

O painel mítico-narrativo encontrável em *Ars* I, 101-134, apresentando com tons “etiológicos” os motivos de serem os teatros de Roma, desde há muito, lugares insidiosos para as mulheres, corresponde a mais um ponto, no livro focado, em profunda associação com as caçadas. Isso se dá porque o episódio do rapto das sabinas pelos homens de Rômulo é descrito, ao longo dele, sob tons afins a um vocabulário de caça: então, primeiro se fala, entre v. 117-120, em pombas a fugirem de águias e em “cordeirinhas” a escaparem de lobos, o que se presta a parâmetro comparativo para a atitude das sabinas em temerosa rejeição a seus (inesperados) raptadores. Ademais, já em v. 125, chamam-se essas mulheres, no conjunto, *genialis praeda* “presa nupcial”, com antecipação de um termo venatório – *praeda* – de novo empregado em *Ars amatoria* II, 1-8, a fim de assinalar a firme conquista de uma *puella*:

Dizei “Io Péan” e dizei duas vezes “Io Péan”! *A presa desejada caiu-me nas redes*; o amante satisfeito premia meus versos com a palma verdejante e prefere-os aos dos velhos de Ascrea e da Meônia; assim o hóspede Priameu inflou as cândidas velas para longe de Amiclas belicosa, raptando uma esposa; assim era o que te levava em um carro triunfante, ó Hipodâmia, transportando-te sobre rodas estrangeiras<sup>21</sup>.

O último livro do poema faz-nos ver a participação da imagética de caça na medida em que o *magister amoris* diz, em III, 1-2, “sobejarem armas para dar a Penthesileia e à sua tropa”<sup>22</sup>, embora tendo ele, já, “armado os dânaos contra as Amazonas”<sup>23</sup> nos livros I e II. Em que pese o tom, também, bélico-mítico desses dizeres, não é inútil lembrar que as “armas” concedidas aos “dânaos” de Ovídio foram empregadas não para combater as mulheres, mas sim para “capturá-las”, no jogo amoroso. *Mutatis mutandis*, como agora quem deve sair à luta são as próprias *puellae*, imaginamos que possam servir-se de suas “armas” com fins semelhantes aos dos parceiros.

Um painel mítico-narrativo contido em v. 685-746, ainda, o qual relata a história de Prócris, morta por engano pelo amado esposo, Céfalos, contribui para entretecer o panorama venatório do livro III de *Ars amatoria*. Esse homem, assim, repousava calmamente do calor junto a agradável sombra, depois de uma empreitada de captura a animais selvagens<sup>24</sup>, quando Prócris, tendo-o ouvido chamar pela *aura* (“brisa”, v. 698), acreditou ser isso o nome de uma rival e, em meio à vegetação espessa, arremeteu contra ele para surpreender o “adultério”. Ao som da aproximação de Prócris, Céfalos se assustou e, tendo pensado tratar-se de uma “fera” (*feram*, v. 733), feriu-a de morte com arco e flecha...

<sup>21</sup> Ovídio, *Ars amatoria* II, 1-8: *Dicite “io Paeon!” et “io” bis dicite “Paeon!” / Decidit in casses praeda petita meos; / laetus amans donat uiridi mea carmina palma / praelata Asraeo Maeonioque seni; / talis ab armiferis Priameus hospes Amyclis / candida cum rapta coniuge uela dedit; / talis erat, qui te curru uictore ferebat, / uecta peregrinis Hippodamia rotis.*

<sup>22</sup> Ovídio, *Ars amatoria* III, 1-2: (...) *arma supersunt, / quae tibi dem et turmae, Penthesilea, tuae.*

<sup>23</sup> Ovídio, *Ars amatoria* III, 1: *Arma dedi Danais in Amazonas; (...)*

<sup>24</sup> Vejam-se menções a outros participantes de sua expedição de caça, os “criados e cães deixados” (*famulis canibusque relictis*, v. 695).

Semelhante incorporação, comparativa e/ou metafórica, de imagens agrárias e venatórias aos sucessivos livros de *Ars amatoria* parece-nos corresponder a um procedimento de irreverência diante da tradição da poesia didática, cujos espécimes, muitas vezes “a sério”, ocuparam-se no mundo greco-romano de sistematizar e transmitir ao público saberes, de fato, técnicos (agricultura, caça<sup>25</sup>, pesca...) e/ou filosófico-científicos (física<sup>26</sup>, astronomia etc.). Tal efeito se obtém, justamente, na medida em que o “tom” dos ensinamentos ovidianos sobre o amor (elegíaco) não parece, de fato, comprometido com o sucesso da vida galante de homens e mulheres, mas antes com um jogo complexo de ironias e sobreposição de significados, em que abunda, até, o fator metapoético (TREVIZAM; AVELLAR, 2013).

Ademais, enquanto poemas didáticos como as *Geórgicas* e o *Cynegeticon* de Grattius Faliscus (séc. I a.C./I d.C.)<sup>27</sup> têm sido apontados à maneira de artefatos que comportam algum “alinhamento”<sup>28</sup> diante do regime Augustano (OTIS, 1963, pp. 189-190), sempre pairaram suspeitas nesse sentido sobre a *Ars*<sup>29</sup>, obra a flertar perigosamente com os círculos mundanos de Roma e com parâmetros de comportamento, em que pesem as “ressalvas” do poeta<sup>30</sup>, afins a certo descuido para com a legislação moralizante aos poucos implementada pelo Príncipe<sup>31</sup>. Então, não apenas sob o ponto de vista da despistadora condução do *magisterium* didático por Ovídio, nesse poema, mas ainda sob aquele do contraste entre a “ligeireza” da moralidade que ele contém e a maior *grauitas* acolhida nas *Geórgicas*, no *Cynegeticon* de Grattius Faliscus etc., soa mais ou menos deslocada qualquer tentativa do poeta de Sulmona de aproximar-se tematicamente da tradição de um didatismo mais “regular”.

<sup>25</sup> Veja-se o caso do *Cynegeticon* atribuído a Grattius Faliscus, poeta contemporâneo a Ovídio, que o menciona em *Epístolas do Ponto* IV, 16, 34: *Aptaque uenanti Grattius arma daret* (“e Grattius daria armas apropriadas ao caçador”). A “seriedade” e detalhamento do *magisterium* de caça desse poeta foi ressaltada, por exemplo, por Francisca Moya del Baño (2007, p. 465).

<sup>26</sup> Referimo-nos *en passant*, no contexto, ao *De rerum natura* de Tito Lucrécio Caro (publicação em torno de 50 a.C.), obra na qual se aliam exposição cuidada da física de Epicuro e os recursos típicos da poesia – sons, ritmos, imagens, figuras etc. (TREVIZAM, 2014, pp. 147-150).

<sup>27</sup> Para o acompanhamento de eventuais paralelos entre a *Ars amatoria* e esse *Cynegeticon*, veja-se comentário de Adrian Swayne Hollis (OVID, 1977, p. XVIII; p. 31; p. 37; p. 52; p. 161).

<sup>28</sup> Green, 2018, p. 158: (...) Grattius goes further by stipulating that the female be reserved for a ‘single husband’ (280 *uni... marito*), a phrase that recalls formulaic epitaphic expressions for the exalted Roman virtue of the *uniuira*, not least in the celebrated case of Augustus’ own wife Livia. – “(...) Grattius vai além, estipulando que a fêmea [do cão de caça] seja reservada para um ‘único marido’ (280 *uni ... marito*), uma frase que lembra expressões epitáficas formulares para a exaltada virtude romana da *uniuira*, não menos no caso célebre da própria esposa de Augusto, Livia”.

<sup>29</sup> Como esclarece Avellar (2017, p. 217-218), “as próprias causas do suposto exílio ovidiano são apresentadas nos *Tristia* II, 207, como *carmen et error* (‘um poema e um erro’): o *error* não é em momento algum esclarecido, e o *carmen* é identificado com a *Ars amatoria*”.

<sup>30</sup> Ovídio, *Ars amatoria* I, 31-34: *Este procul, uittae tenues, insigne pudoris, / quaeque tegis medios instita longa pedes. / Nos Venerem tutam concessaque furta canemus, / inque meo nullum carmine crimen erit.* – “Ficai ao longe, ó fitas tênues, insígnias do pudor, e tu, ó veste longa, a roçar o meio dos pés. Nós a Vênus segura e os furtos permitidos cantaremos, e em meu poema nenhum crime haverá”.

<sup>31</sup> Putnam, 2010, p. 248: *The year preceding the performance of the Ludi Saeculares saw the promulgation of the Lex Iulia de maritandis ordinibus and the Lex Iulia de adulteriis coercendis.* – “O ano anterior à apresentação dos Jogos Seculares [17 a.C.] viu a promulgação da *Lex Iulia de maritandis ordinibus* e da *Lex Iulia de adulteriis coercendis*”.

## Temas agrários e de caça em *Remedia amoris*: meios de escape aos limites da elegia

O fazer literário de Ovídio, no tocante à sua atividade como compreendida por *Amores*, *Ars amatoria* e *Remedia amoris*, obedece, como dizíamos, a um plano de movimentação transformada, no interior dos códigos da elegia erótica romana. Embora, desde os *Amores*, já se notasse certo distanciamento do eu poético diante dos parâmetros de estrita ilusão sentimental, segundo encontráveis com algum grau em Sexto Propércio e Álbio Tibulo – na medida em que, entre outros “desvios”, o surgimento da *persona* de uma *puella/Corinna* necessita aguardar, nessa obra, o início do quinto poema do livro II!<sup>32</sup> –, é a partir da *Ars* que temos o decisivo alçamento de voo de Ovídio, sob o ponto de vista genérico-compositivo, para outras direções.

Conforme bem notado por Gian Biagio Conte (1991, p. 70), a identificação dessa última obra com uma postura continuamente didática teve como óbvia, mas importante consequência que o eu poético ovidiano se “descolasse”, em definitivo, da *persona* elegíaca do amante. Desse modo, em *Ars amatoria* (e, depois, nos *Remedia*), o “eu” passa a identificar-se sem falhas com um *magister amoris*, alguém dotado de saberes e instrumentos para o domínio de uma força como o *Amor*, furtando-se, portanto, a seu *imperium*/“mando”. Tal mudança de perspectiva, conforme formula o crítico italiano, faz com que Ovídio, na *erotodidáxis*, passe a “olhar para a elegia, em vez de olhar com os olhos da elegia”<sup>33</sup>.

Semelhante reconfiguração de perspectiva importa para os objetivos analíticos desta exposição porque, como amiúde enfatizaram os críticos, enquanto a elegia típica estruturava seu próprio mundo fictício no interior de limites estreitíssimos, como se, na verdade, a “vida” dos apaixonados caracteristicamente associáveis ao gênero se restringisse, de forma plena, a ocupações e interesses amorosos (FEDELI, 1991, p. 109-110), a “guinada” erotodidática de Ovídio significou, em definitivo, uma abertura para outros horizontes. Assim, como vemos em *Ars amatoria* I, 79-80, “também os tribunais favorecem (quem acreditaria?) o amor, e os ardores muitas vezes despertaram na algazarra do foro”<sup>34</sup>, ou seja, para tornar-se *discipulus* do poeta e agir, ao menos “teatralmente”, como amante elegíaco, um homem não mais necessitaria deixar de ser orador, de dedicar-se a atuar como jurisperito no foro romano, ou de desempenhar quaisquer outras atividades “úteis”, no seio da Urbe.

Lendo o “avesso” da *Ars*<sup>35</sup>, que se identifica com os preceitos de desatamento de laços amorosos infelizes, segundo contidos em *Remedia amoris*, entrevemos um passo além na trajetória ovidiana de “distanciar-se” do âmbito das estritas convenções elegíacas. De fato, se o

<sup>32</sup> Veja-se Holzberg (2002, p. 47-48).

<sup>33</sup> Conte, 1991, p. 65: “(...) *guardare l'elegia invece di guardare con gli occhi dell'elegia*”.

<sup>34</sup> Ovídio, *Ars amatoria* I, 79-80: *Et fora conueniunt (quis credere possit?) Amori, / flammaque in arguto saepe reperta foro.*

<sup>35</sup> Em *Remedia amoris* 325-330, o *magister* convida o amante infeliz a tornar em defeitos, dando-lhes nomes negativos, certos atributos da *puella*: assim, a que “tem corpo” se torna “inchada”, a “delgada” “magra” etc. Ora, em *Ars amatoria* II, 657-662, ele fizera justamente com que o *discipulus* agisse “pelo avesso”, vindo a atenuar com palavras os defeitos da moça escolhida...

que caracterizava a elegia, do ponto de vista temático e/ou “existencial” da *persona* dos apaixonados nesse gênero poético, era o sofrimento sem fim diante de ligações amorosas instáveis e dolorosas, oferecer uma terapia supostamente capaz de “curar as dores” daqueles desiludidos no amor significa, como bem entendeu Conte (1991, p. 86), antes de mais nada “remediar contra uma [forma de] literatura”<sup>36</sup>.

Variados são, nesse contexto curativo dos *Remedia*, os recursos terapêuticos aventados pelo *magister*, podendo-se arrolar, entre eles, o pronto “abafamento” de tais dores enquanto ainda começam (v. 79 *et seq.*), a busca efetiva de ocupações diferentes – por vezes, bastante práticas – pelo apaixonado (v. 135 *et seq.*), a rememoração frequente dos atos delituosos da “pérfida” *puella* (v. 300 *et seq.*), a distorção para pior dos defeitos dela (v. 325 *et seq.*), surpreender a moça em meio a rituais de beleza que muito apresentam de repulsivo (v. 347 *et seq.*) etc. Justamente, quando se olha com mais atenção a parte terapêutica vinculada à “busca de ocupações”, vemos recomendado que o *discipulus* de libertação amorosa se dedique, entre outros afazeres, à agricultura e à caça:

*Também os campos e o afã de cultivar entretêm o espírito; qualquer outra preocupação cede a esta. Obriga o touro domado a submeter a cerviz à canga, para que o curvo arado rasgue a terra dura; encerra na terra lavrada as sementes de Ceres, para que o campo as devolva com muito juro. Olha os galhos curvados ao peso dos frutos, a ponto de a árvore a custo suportar o peso do que ela própria engendrou. Olha os riachos a deslizar em alegre murmúrio; olha as ovelhas tosando a relva abundante. Lá estão as cabras a escalar os penhascos e os rochedos escarpados, logo trarão aos cabritos os ubres cheios. O pastor modula um canto ao som da flauta desigual e não lhe faltam companheiros: os cães, tropa atenta. Em outras paragens a mata profunda ecoa em mugidos e uma mãe se queixa da ausência do bezerrinho. Que dizer do enxame que foge da fumaça colocada debaixo da colmeia, pra que os favos, que se tiram, aliviem o caixilho arqueado?*<sup>37</sup>

(...)<sup>38</sup>

*Ou então cultiva o gosto pela caça; com frequência Vênus bate em retirada, vergonhosamente vencida pela irmã de Febo. Persegue então a lebre veloz com um cão de faro alerta, ou estende tuas redes nos picos frondosos. Apavora com espantelhos coloridos os medrosos veados ou abate o javali, cravado de frente por*

<sup>36</sup> Conte, 1991, p. 86: “(...) rimedio contro una letteratura”.

<sup>37</sup> Ovídio, *Remedia amoris* 169–186: *Rura quoque oblectant animos studiumque colendi;/ quaelibet huic curae cedere cura potest./ Colla iube domitos oneri supponere tauros;/ sauciet ut duram uomer aduncus humum;/ obrue uersata Cerealia semina terra;/ quae tibi cum multo faenore reddat ager./ Aspice curuatos pomorum pondere ramos;/ ut sua, quod peperit, uix ferat arbor onus;/ aspice labentes iucundo murmure riuos;/ aspice tondentes fertile gramen oues./ Ecce petunt rupes praeruptaque saxa capellae;/ iam referent haedis ubera plena suis./ Pastor inaequali modulatur harundine carmen;/ nec desunt comites, sedula turba, canes./ Parte sonant alia siluae mugitibus altae/ et queritur uitulum mater abesse suum./ Quid cum suppositos fugiunt examina fumos;/ ut releuent dempti uimina curua faui?* (trad. Antônio da Silveira Mendonça e grifos meus)

<sup>38</sup> Entre v. 187–198, Ovídio, na segunda seção de sua “pequena *Geórgica*”, nas palavras de Barbara Weiden Boyd (2018, p. 94), ocupa-se de repartir certas atividades agrárias ao longo do tempo. Ora, o modelo genérico de Virgílio, Hesíodo de Ascra (séc. VIII–VII a.C.), compusera seus *Trabalhos e dias*, primeiro poema didático greco-romano conhecido, já sob a partição textual entre as tarefas do campo e o período adequado para conduzi-las (v. 765–828).

tua lança. À noite, o sono, e não a preocupação com uma garota, te acolherá cansado e aliviará teus membros em profunda calma<sup>39</sup>.

Aqui se nota, no primeiro excerto, a constituição de um curioso efeito de sentido, o qual se deve ao modo de Ovídio ter disposto os sucessivos tópicos de seu “minicurso” de agropecuária. Isso se deve ao que interpretamos como um mecanismo alusivo aos conteúdos das próprias *Geórgicas* virgilianas. Assim, essas, ao longo de seus quatro livros, abordavam: 1) o cultivo dos campos; 2) a arboricultura; 3) a pecuária, de grandes (equinos e bovinos) ou pequenos animais (ovelhas e cabras); 4) a apicultura. Ora, quando se fala, em v. 171 de *Remedia amoris*, no touro que “submete a cerviz à canga”, a fim de que “o curvo arado rasgue a terra dura” (*sauciet ut duram uomer aduncus humum*, v. 172), tem-se uma alusão a *Geórgicas* I, 43-46, ponto ali identificado, justamente, com o início dos trabalhos agrícolas primaveris, depois dos rigores do inverno<sup>40</sup>.

Contribui para o reforço de tal ideia o emprego mesmo de um adjetivo como *duram* (“dura”, v. 172 dos *Remedia*), ao qualificar-se a terra lavrada com auxílio desse animal: na verdade, como se lembrariam os leitores do poema didático virgiliano, esse termo preciso assume razoável difusão e importância em seus versos, devido a que, de acordo com o quadro de mudança miticamente delineado no painel da “Teodiceia do trabalho” de *Geórgicas* I, 125-159, a passagem dos reinos de Saturno/Idade áurea para aqueles de Júpiter significou, com a introdução de dificuldades no mundo natural e da consequente necessidade de muitos esforços humanos pela sobrevivência, o advento de uma espécie de Idade férrea<sup>41</sup>. Nesse novo contexto, “duras” como o ferro se tornam não só as condições de existência para o homem<sup>42</sup>, mas ainda o próprio *agricola* “agricultor”,<sup>43</sup> em resposta a tantas exigências da vida.

Sequencialmente, em v. 175-176 de *Remedia*, mencionando o cultivo de frutos, o *magister* atinente a esse poema passa com ligeireza pelo assunto, também, geórgico dos cuidados com as árvores. Ainda, através da introdução de temas em óbvio nexos com o pastoreio, ou trato de pequenos

<sup>39</sup> Ovídio, *Remedia amoris* 199-206: *Vel tu uenandi studium cole; saepe recessit/ turpiter a Phoebi uicta sorore Venus./ Nunc leporem pronum catulo sectare sagaci,/ nunc tua frondosis retia tende iugis;/ aut pauidos terre uaria formidine ceruos,/ aut cadat aduersa cuspide fossus aper;/ nocte fatigatum somnus, non cura puellae,/ excipit et pingui membra quiete leuat* (trad. Antônio da Silveira Mendonça e grifos meus).

<sup>40</sup> Virgílio, *Geórgicas* I, 43-46: *Vere nouo, gelidus canis cum montibus umor/ liquitur et Zephyro putris se glaeba resoluit,/ depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro/ ingemere, et sulco adtritum splendescere uomer.* – “No início da primavera, quando a água congelada se derrete nos montes brancos e a gleba quebradiça é desfeita pelo Zéfiro, já me comece o touro a gemer, rebaixado o arado, e a relha, friccionada pelo sulco, a brilhar”.

<sup>41</sup> Virgílio, *Geórgicas* I, 129-135: *Ille malum uirus serpentibus addidit atris/ praedarique lupos iussit pontumque moueri/ mellaque decussit foliis ignemque remouit/ et passim riuus currentia uina repressit,/ ut uarias usus meditando extunderet artis/ paulatim et sulcis frumenti quaereret herbam/ et silicis uenis abstrusum excuderet ignem.* – “Ele [Júpiter] deu o veneno ruim às negras serpentes, mandou que os lobos caçassem e o mar se agitasse, derramou o mel das folhas, escondeu o fogo e fez cessar o vinho corrente a cada passo nos rios para que, maquinando os usos, o homem criasse as várias técnicas aos poucos, buscasse a planta do trigo com sulcos e tirasse o fogo oculto dos veios rochosos”.

<sup>42</sup> Virgílio, *Geórgicas* I, 145-146: *Tum uariae uenere artes. Labor omnia uicit/ improbus et duris urgens in rebus egestas.* – “Então, vieram as várias técnicas, e o trabalho incessante se assenhoreou de tudo com a necessidade, que oprime em dura situação”.

<sup>43</sup> Virgílio, *Geórgicas* I, 160-161: *Dicendum et quae sint duris agrestibus arma,/ quis sine nec potuere seri nec surgere messes.* – “Também se deve dizer quais são as armas dos camponeses duros, sem o que as messes não puderam ser cultivadas nem surgir”.

animais (*aspice tondentes fertile gramen oues* – “olha as ovelhas tosando a relva abundante”, v. 178), bem como daqueles que nos fazem lembrar da criação do gado maior (*parte sonant alia siluae mugitibus altae* – “em outras paragens a mata profunda ecoa em mugidos”, v. 183), Ovídio retoma conteúdos de *Geórgicas* III. No tocante, especificamente, aos tons bucólicos de *Remedia amoris* 177–182, com seus “riachos a deslizar em alegre murmúrio” (*aspice labentes iucundo murmure riuos*, v. 177), cabras que “logo trarão aos cabritos os ubres cheios” (*iam referent haedis ubera plena suis*, v. 180), pastores a tocarem flauta (v. 181) etc., lembramos com Richard F. Thomas<sup>44</sup> que se trata de um universo “existencial” (e poético, é claro!) assimilado em parte pelo livro III das *Geórgicas* (v. 322–338).

Por fim, ao referir o “enxame que foge da fumaça colocada debaixo da colmeia” (*cum suppositos fugiunt examina fumos*, v. 185), o *magister* de *Remedia* coloca-se na mesma sintonia dos ensinamentos agrários de Virgílio em *Geórgicas* IV, com seus preceitos de todo vinculados à apicultura, dissemos. Não devemos, por outro lado, omitir que a caça de lebres, com auxílio de cães, também se encontra descrita num poema didático distinto, ou seja, em *Cynegeticon* 198–206<sup>45</sup>; ainda, mencionam-se nesse texto os mesmos “espantalhos”<sup>46</sup> e javalis<sup>47</sup>, além da proteção de Diana, em v. 2; v. 13; v. 99; v. 124; v. 252; v. 484; v. 497.

Além disso, em ponto mais adiantado de *Remedia amoris*, o qual poderíamos identificar como algo em nexos com os benefícios do agulhão da realidade para todos aqueles entorpecidos em excesso por causa da própria “cegueira” amorosa, Ovídio faz ver ao amante sofredor que ele não é tão diferente de todos. Desse modo, caso se lembrasse de que também tem, entre outras possibilidades, “pai severo” (*durus pater*, v. 563), “terra boa, vinha produtora de uva nobre” (*rure bono generosae fertilis uuae*, v. 567), “navio em torna-viagem” (*in reditu nauim*, v. 569) e “filho soldado” (*filius... miles*, v. 571), ele deixaria de amar, pois “um deus a cada um deus [males] em maior ou menor porção” (*omnibus illa deus plusue minusue dedit*, v. 560). Em outras palavras, no trecho em pauta do *magisterium* ovidiano, a voz poética faz ver que a lembrança, ou tomada de consciência, de agruras outras, talvez mais prementes e “vitais” que meras dores do desdém por uma mulher, funciona como meio de um amante, literalmente, despertar para a vida, passando mesmo a dar mais de sua energia... aos rendosos cuidados do vinhedo.

<sup>44</sup> Virgil, 1997, p. 103: *A strong pastoral touch* (322–38, 328n.); cf. *E. 8.15 cum ros in tenera pecori gratissimus herba*. – “Um forte toque pastoril (322–38, 328n.); cf. *E. 8.15 cum ros in tenera pecori gratissimus herba*”.

<sup>45</sup> Grattius, *Cynegeticon* 198–206: *Scilicet ex omni florem uirtute capessunt/ et sequitur natura fauens. At te leue si qua/ ta<n>git opus pauídosque inuat compellere dorcas/ aut uersuta sequi leporis uestigia parui,/ Petronios (haec fama) canes uolucresque Sycambros/ et pictam macula Vertraham delige flaua:/ ocior affectu mentis pennaque cucurrit,/ sed premit inuentas, non inuentura latentes/ illa feras, quae Petroniis bene gloria constat.* – “Naturalmente, de todo valor a cria colhe a nata, e a acompanha, propícia, a natureza; mas, se de algum modo te cativa a caçada leve e agrada perseguir medrosos antílopes, ou ir atrás das pegadas intrincadas da pequena lebre, os cães petrônios – tal é sua fama –, os velozes sicambros e a vertraha, salpicada de manchas amarelas, escolhe: mais rápida que o pensamento e que uma flecha correu, mas acossa as que encontrou, sem poder ela encontrar feras ocultas, glória que é bem assegurada aos petrônios”.

<sup>46</sup> Grattius, *Cynegeticon* 74–76: *Sunt quibus immundo decerptae uulture plumae/ instrumentum operis fuit et non parua facultas.* – “Alguns encontraram em plumas arrancadas do imundo/ abutire um instrumento de trabalho e algo de não pouca valia”.

<sup>47</sup> Grattius, *Cynegeticon* 186–189: *At clangore citat quos nondum conspicit apros/ Aetola quaecumque canis de stirpe: malignum/ officium, siue illa metus conuicia rupit/ seu frustra nimius properat fauor. (...)* – “Mas qualquer cadela de raça etólia, ladrando, provoca os javalis ainda não vistos: nisso se tem um desserviço, quer o medo tenha causado tais alaridos, quer um interesse excessivo em vão a precipite” (...).

A terapia de amor de Ovídio, na obra em pauta, visa, portanto, a transformar as atitudes do amante desiludido, inclusive recolocando-o em um caminho de vida tradicionalmente considerado, pelos antigos romanos, muito mais “são” e honesto que aquele dos elegíacos (BOUCHER, 1965, p. 17), quando se fala a respeito de ele dedicar-se às lidas agrárias. Não é este o espaço para desenvolvimentos profundos sobre o apreço desse povo (ROBERT, 1985, p. 27 *et seq.*), ideologicamente falando, ao universo campestre, com efeitos no âmbito literário e da organização socioeconômica de Roma<sup>48</sup>. Contudo, apenas em recordação de dois pontos-chave dessa trajetória apreciativa, já o proêmio do *De agri cultura* de Catão, o Velho (séc. III-II a.C.), a respeito do *agricola* (= cidadão livre, de algum modo, dedicado a cultivar suas terras), que [os ancestrais], quando elogiavam um homem bom, “elogiavam assim: um bom agricultor e um bom fazendeiro”<sup>49</sup>; Marco Terêncio Varrão, em seus *Dialogi rerum rusticarum*, valorizou o ambiente rural em relação ao urbano, declarando que “a natureza divina deu os campos, mas a arte humana edificou as cidades”<sup>50</sup>.

No tocante à caça, tal como descrita em um poema didático do teor de *Cynegeticon*<sup>51</sup>, ou seja, com recorrência a cães, cavalos, armas especializadas e feita mais por prazer que com fins alimentares, em si não correspondeu a uma prática de genuínas raízes romanas. Monique Jallet-Houant (2008, pp. 23-24), assim, explica que alguns romanos travaram contato com essa modalidade venatória, sobretudo, a partir do séc. III a.C., período no qual os membros das elites sociopolíticas da Urbe já tinham feito conquistas no Oriente ou no Norte da África, onde a caça era um “esporte” caro aos reis<sup>52</sup>.

Mas o fato de as caçadas, em sua face de fuga possível ao *otium*/“alheamento” elegíaco, não disporem como atividade do mesmo prestígio “ancestral” da agropecuária no seio de Roma não inviabiliza que Ovídio também se sirva desse afazer, em *Remedia amoris*, a fim de efetuar dupla libertação – de si e do *discipulus* – das “amarras” da elegia. Tais temas afinados com a poesia didática, então, por sua ênfase em maneiras não elegíacas de expressar-se na poesia e na “existência” (mesmo que fictícia, de *personae* literárias como aquela do apaixonado típico da obra properciana, tibuliana etc.), sempre lhe permitem, com concessão menor ao bucolismo (*Remedia amoris* 177-184), variar pontos de vista e/ou nuances da sensibilidade humana.

<sup>48</sup> Grimal, 1985, p. 131: *Dans la réalité, l'agriculture italienne – la partie qui n'était pas laissée aux villes, municipes et colonies, pour leur propre subsistance – dépendait des grands propriétaires romains, les sénateurs, qui, traditionnellement, possédaient des domaines sur la terre italienne.* – “Na realidade, a agricultura italiana – a parte que não foi deixada às cidades, para sua própria subsistência – dependia dos grandes proprietários romanos, os senadores, que tradicionalmente possuíam propriedades na terra italiana”.

<sup>49</sup> Catão, *De agri cultura* (proêmio): (...) *ita laudabant: bonum agricolam bonumque colonum.*

<sup>50</sup> Varrão, *De re rustica* III, 1, 4: (...) *diuina natura dedit agros, ars humana aedificauit urbes.*

<sup>51</sup> No século III d.C., ainda, Marco Aurélio Olímpio Nemesiano comporia, em latim e de forma similar, seus *Cynegetica*, em apenas 325 versos.

<sup>52</sup> De todo modo, uma obra como os supracitados *Dialogi rerum rusticarum* (III, 13), de Varrão, descreve no séc. I a.C. a existência de verdadeiras reservas de caça nas propriedades de ricos senhores itálicos, e Plínio, o Jovem (séc. I-II d.C.), em *Epístolas* II, 8, confessou ao amigo Canínio muito ansiar por usufruir, na região do *Larius lacus* (“Lago de Como”), dos prazeres da caça.

## Considerações finais

Pelo exposto desde o início, é perceptível que assuntos de agropecuária, além daquele venatório, decerto integram com destaque os planos compositivos da *Ars amatoria* e *Remedia amoris*, contudo de formas distintas. Com efeito, de figuras no primeiro contexto, além de atividades apenas integrantes de painéis mítico-narrativos como aqueles do rapto das Sabinas (livro I) e de Céfalo e Prócris (livro III), assumem no segundo caso contornos mais afins à “prescrição médica” de que, literalmente, homens antes não bem ocupados passem a investir seu tempo e forças na agricultura ou na caça.

Não é casual, quanto a semelhante mudança de perspectiva, que os termos “cultivo” e “caça” assumam significação mais próxima da denotativa justamente quando, através da escrita dos *Remedia amoris*, Ovídio procede a uma espécie de forte ruptura para com as amarras “existenciais” da elegia, amarras essas, como vimos, em princípio refratárias a uma vida demasiado ativa, ou regular, para *personae* de amantes cuja caracterização se pautava pela *nequitia* “inutilidade” e por concessões exageradas a uma certa afetividade.

## Referências bibliográficas:

- AVELLAR, Júlia Batista Castilho de. O poeta como leitor de sua obra: a recepção de Ovídio nos *Tristia. Itinerários*, Araraquara, n. 45, p. 217–234, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/8961>> Acesso em: 06/11/2019.
- BOUCHER, Jean-Paul. *Études sur Propertius: problèmes d'inspiration et d'art*. Paris: Éditions E. de Boccard, 1965.
- BOYD, Barbara Weiden. *Beatus ille qui procul ... otis?: Ovid's Rustication Cure (Remedia amoris 169–98)*. In: KNOX Peter; PELLICCIA, Hayden; SENS Alexander (Org.). *They keep it all hid: Augustan poetry, its antecedents and reception*. Berlin: De Gruyter, 2018, p. 89–100.
- CATO; VARRO. *On Agriculture*. With an English translation by H. D. Hooper. Cambridge (Massachusetts)/London (England): Harvard University Press, 1999.
- CONTE, Gian Biagio. L'amore senza elegia: i Rimedi contro l'amore e la logica di un genere. In: CONTE, Gian Biagio. *Generi e lettori: Lucrezio, l'elegia d'amore, l'enciclopedia di Plinio*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1991, p. 53–94.
- DEL BAÑO, Francisca Moya. Poesia “menor”: siglos I y II d.C. In: CODONER, Carmen. (Org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007, p. 449–492.
- FEDELI, Paolo. Bucolica, lirica, elegia. In: MONTANARI, Franco (Org.). *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma: NIS, 1991.
- GRATTIUS. *Cynegeticon*. In: Publilius Syrus et alii. *Minor Latin poets: vol. I*. Translated by J. W. Duff and A. M. Duff. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1982, p. 143–208.

- GREEN, Steven J. Grattius and Augustus: hunting for an emperor. In: GREEN, Steven J. (Org.). *Grattius: hunting for an Augustan poet*. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 153-175.
- GRIMAL, Pierre. *Virgile, ou la seconde naissance de Rome*. Paris: Flammarion, 1985.
- HOLZBERG, Niklas. *Ovid: the poet and his work*. Trad. G. M. Goshgarian. Ithaca: Cornell University Press, 2002.
- JALLET-HUANT, Monique. *La chasse dans l'Antiquité romaine*. Paris: Éditions de Montebel, 2008.
- LEACH, Eleanor Winsor. Georgic Imagery in the *Ars amatoria*. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Baltimore, v. 95, p. 142-154, 1964. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/283788>> Acesso em: 06/11/2019.
- OTIS, Brooks. *Virgil: a study in civilized poetry*. Norman: Oklahoma University Press, 1963.
- OVID. *Ars amatoria book 1*. With a commentary by Adrian Swayne Hollis. Oxford: Oxford University Press, 1977.
- OVIDE. *L'art d'aimer*. Texte établi et trad. par. H. Bornecque. Paris: Les Belles Lettres, 1930.
- OVIDIO. *L'arte di amare*. A cura di Emilio Pianezzola, commento di Gianluigi Baldo, Lucio Cristante, Emilio Pianezzola. Milano: Fondazione Lorenzo Valla/Arnoldo Mondadori Editore, 1991.
- OVÍDIO. *Os remédios do amor; Os cosméticos para o rosto da mulher*. Trad., introdução e notas de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- PLINY. *Epistularum libri duo*. With introduction, notes, and plan, edited by Janes Cowan. London: Macmillan, 1889.
- PUTNAM, Michael. The *Carmen Saeculare*. In: DAVIS, Gregson (Org.). *A companion to Horace*. Malden, MA/Oxford, UK/Chichester, UK: Wiley-Blackwell, 2010, p. 231-249.
- THOMAS, Richard F. *Virgil: Georgics – v. II, books 3-4*. Edited with a commentary by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- TOOHEY, Peter. *Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry*. London/New York: Routledge, 1996.
- TREVIZAM, Matheus. *Poesia didática: Virgílio, Ovídio e Lucrecio*. Campinas: Unicamp, 2014.
- TREVIZAM, Matheus; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de. Uma *Ars poetica* ovidiana: metapoesia e ilusionismos na *Ars amatoria*. *Letras Clássicas*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 115-133, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/118442>> Acesso em: 06/11/2019.
- TSAKNAKI, Christina. *Ars uenandi: the art of hunting in Grattius' Cynegetica and Ovid's Ars amatoria*. In: GREEN, Steven J. (Org.). *Grattius: hunting for an Augustan poet*. Oxford: Oxford University Press, 2018, p. 115-131.
- VIRGILE. *Géorgiques*. Texte trad. par Eugène de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

